

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

BARACAT, Juliana

Psicóloga especialista em Psicanálise e Coordenadora-adjunta da CEPPA- FASU/ACEG
e-mail: jbaracat@hotmail.com

1. Identidade da obra

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**, ensaio de análise de uma função em Psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

2. Notícias sobre o autor

Jacques Marie Emile Lacan foi um psiquiatra e psicanalista francês, nascido em 1901 e falecido em 1981. Transmitiu seu ensino nos Seminários, entre 1953 e 1981, posteriormente transcritos e editados por seu cunhado, Jacques Alain Miller. Lacan ficou conhecido por seus métodos inovadores, seu questionamento sobre os rumos da Psicanálise pós-freudiana, sofrendo, em 1953, a expulsão da IPA (*International Psychoanalytical Association*) e fundando junto a outros psicanalistas franceses a Sociedade Francesa de Psicanálise. Influenciado pela Lingüística de Ferdinand de Saussure e pelo Estruturalismo francês, principalmente Claude Levi-Strauss, propôs um “retorno a Freud”, que consistiu numa releitura da obra freudiana munido deste instrumental teórico. Este movimento foi intitulado pelos estudiosos da Psicanálise como “primeira clínica”, sendo a “segunda clínica” a produção de Lacan já desvinculada de Freud, mais “lacaniana”.

Dentre seus conceitos mais conhecidos estão: a tríade R-S-I (Real, Simbólico e Imaginário), o Estádio do Espelho, o Outro, Alienação, Nome-do-Pai, os quatro discursos (discurso do Mestre, da Universidade, da Histórica e do Analista) e o objeto *a*, entre outros. Sofreu influências dos seguintes autores: Freud, Martin Heidegger, Hegel, Alexandre Kojève, Claude Levi-Strauss; e influenciou: Feliz Guatarri, Julia Kristeva, Slavoj Zizek, Louis Althusser, Judith Butler.

3. Breve resumo

Este texto foi escrito por Lacan como uma contribuição à *Encyclopédie française*, versando sobre a vida mental, publicado em 1938. É dividido em duas partes: a primeira acerca do complexo como fator concreto da Psicologia familiar e a segunda sobre os complexos familiares em patologia.

Na introdução que precede o texto, Lacan discorre sobre a família e suas funções. Observa que a família possui uma dupla relação biológica: geracional, formando um grupo humano; e funcional, diante do papel do adulto no desenvolvimento e preservação da vida dos mais jovens. A família é uma instituição humana e, nesta, Lacan identifica uma estrutura hierárquica, já que é um órgão de coação do adulto sobre a criança, sendo esta coação a fonte originária das bases arcaicas da formação moral do homem. Outros traços característicos da família são: os modos de organização da autoridade familiar, as leis de sua transmissão e conceitos de decência e de parentesco.

Dentre seus papéis fundamentais, a família é responsável pela transmissão cultural de hábitos de conduta, da repressão instintual e da aquisição da língua materna. Apesar de sua comumente vinculação, o autor nota a diferença entre a família e o casamento que, apesar de serem instituições humanas, não são a mesma coisa.

Iniciando a primeira parte do trabalho, Lacan conceitua o termo complexo. Um complexo reproduz certa realidade do meio ambiente, duplamente: sua forma representa uma realidade, no que ela tem de objetivamente distinta numa certa etapa do desenvolvimento psíquico; sua atividade repete na vivência a realidade assim fixada, cada vez que se produzem certas experiências que exigem uma objetivação superior dessa realidade.

Freud definiu o complexo como Inconsciente e seus efeitos psíquicos não são dirigidos pela Consciência, como: atos falhos, sonhos, lapsos, sintomas. Ainda, identificou no complexo uma entidade paradoxal chamada *imago*, que consiste numa representação inconsciente.

Os complexos possuem o papel de organizadores no desenvolvimento psíquico, dominando os fenômenos que na consciência parecem integrados à personalidade. Assim, são motivadas no inconsciente não apenas justificações passionais, mas racionalizações objetiváveis, das quais o complexo inconsciente pode expressar o sentimento inverso daquele que aparece na consciência.

O primeiro complexo identificado por Lacan é o complexo do desmame. Este complexo consiste na forma como o sujeito se relaciona com a alimentação e carrega em si a forma primordial da imago materna; funda os sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o indivíduo à família. No ser humano, é uma regulação cultural que condiciona o desmame e sendo este traumatizante ou não, deixa no psiquismo um traço permanente da relação biológica interrompida. Assim, o desmame é resolvido através de uma tensão vital que se transforma em intenção: é aceito ou recusado, determinando uma atitude ambivalente.

A criança pequena não possui conhecimento do próprio corpo e a noção do que lhe externo, porém, tem um conhecimento precoce da presença que a função materna preenche, ou seja, da função de amparo e assistência que a mãe exerce e da qual a criança depende. O desmame remete a uma imago mais primitiva, a da separação do nascimento, da qual provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar. É esta separação que o desmame revive no sujeito, gerando angústia. Este complexo também dá vazão à tendência psíquica à morte, sendo a morte vivida como objeto de um apetite. Ou seja, quando ocorre a recusa do desmame é um sinal da resistência do sujeito em estabelecer novas relações, vivenciar mudanças, ficando “preso às saias da mãe” e sujeito a uma “sede” de morte. Desta forma, o próprio nascimento pode ser lido como uma morte, a morte da vida parasitária do feto, relação extrema de dependência que ainda prevalece nos primeiros meses de vida.

O segundo complexo identificado por Lacan é nomeado por ele de complexo do intruso, ou complexo fraterno. Este representa a experiência que o sujeito primitivo realiza quando vê um ou mais de seus semelhantes participar com ele da situação doméstica, ou seja, quando ele se reconhece como tendo um irmão.

Lacan considera que o ciúme, em sua essência, representa não uma rivalidade vital, mas uma identificação mental. Neste estágio se esboça o reconhecimento de um rival, ou seja, de um “outro” como objeto de identificação. O autor expõe a seguinte situação: duas crianças parceiras de brincadeiras e que possuem idades similares. Em cada sujeito apresenta-se um conflito entre duas atitudes opostas e complementares, e essa participação

bipolar é constituída da própria situação. Exemplo: uma criança que se deleita com as provas de dominação que exerce e daquela que se compraz em se submeter a elas. Pergunta: qual está mais escravizada?

O exemplo acima serve para evidenciar o paradoxo deste complexo: cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com esta se identifica; mas, ele pode sustentar essa relação numa participação quase insignificante desse outro e viver toda a situação sozinho, pois que o outro possui um valor imaginário.

A estrutura desta imago do outro está, assim, ligada à estrutura do corpo próprio, de suas funções de relação. Neste ponto, Lacan introduz sua tese do Estádio do Espelho, ou seja, o reconhecimento do sujeito no espelho como um fenômeno duplamente significativo: esse movimento revela as tendências que constituem a realidade do sujeito; a imagem especular fornece um bom símbolo dessa realidade: sem valor afetivo, ilusório como imagem, e de sua estrutura, como ela reflete a forma humana.

O Estádio do Espelho descreve a formação do ego através do processo de objetificação, sendo o ego estruturado numa disjunção entre a imagem reconhecida no espelho e a realidade emocional vivida pela criança. Situado nos seis meses de vida, à criança ainda falta o controle de sua coordenação motora, mas já se reconhece no espelho. Entretanto, a imagem é vista como toda, sendo que isto contrasta com a falta de coordenação do corpo, sendo visto como um corpo fragmentado. Sentindo-se ameaçado pela imagem “completa” que se apresenta, a criança se identifica com esta para aliviar a tensão surgida, sendo este o movimento inicial de formação do ego e, também, da instância Imaginária. A este processo Lacan chama de Alienação, já que o sujeito passa a acreditar na completude da imagem em detrimento da falta, de seus limites, enfim, da angústia.

O terceiro e último complexo descrito é o complexo de Édipo. Este define as relações psíquicas do sujeito em sua família. As pulsões genitais da criança fornecem a base do complexo e a frustrações das pulsões forma seu nó, dirigindo a frustração para o genitor do mesmo sexo. Neste ponto, Lacan pouco avança além de Freud, reafirmando a função educativa da repressão, por meio do controle da masturbação infantil. Considera que a criança intui a

situação que lhe é proibida, recalçando a tendência sexual através do “supereu” e sublimando a pulsão por meio do ideal do eu.

O movimento do Édipo é um conflito triangular, sendo que a forma como o sujeito vivencia este complexo fica cristalizada no tipo de relação que irá sustentar com a realidade, é uma tomada de postura perante a vida. O Pai aqui tem função determinante, já que sua imago impõe a sublimação social, compreendendo aqui que a referida imago já é uma representação social que atribui uma função específica; no caso do pai, a imago que se vincula é a do guardião das leis e da imposição das mesmas. Neste trecho, Lacan irá colocar sua percepção de que na sociedade atual (lembrando que o texto é de 1938) a imago paterna estava sofrendo um declínio, perdendo sua força simbólica.

Na segunda parte do trabalho, os complexos familiares em patologia, Lacan inicia discorrendo sobre as psicoses de tema familiar. Nestas, o sujeito reconstitui o Estádio do Espelho, evidenciando uma pertinência subjetiva do corpo despedaçado. Na fase fecunda do delírio, os objetos internos são transformados em objetos externos, revelando-se como choques, enigmas. O “supereu” não sofre recalçamento e o desmedido narcisismo é mascarado em sua relação com a realidade. Lacan nota que a essência da psicose se resume em uma estagnação da sublimação, cuja origem, no ideal de eu, está vinculada ao objeto do irmão (complexo do intruso), imago da homossexualidade primitiva.

Em relação às neuroses familiares, segundo tópico desta parte, Lacan expõe que os complexos possuem uma função cujo dinamismo e realidade se opõem diametralmente à da psicose. Os sintomas, neste caso, são expressões do recalçado, cuja característica é uma permanência no psiquismo. O sintoma neurótico representa no sujeito uma experiência na qual ele não se reconhece, revelando aí a divisão psíquica entre consciente e inconsciente. A função do sintoma se coloca como uma defesa contra a angústia de castração.

Para o autor, a neurose mais simples é a fobia. Nesta, o animal, fonte de medo, representa a mãe em gestação, o pai ameaçador ou o irmão intruso. Na histeria, o sintoma deflagra uma desintegração de uma função somaticamente localizada, cujo simbolismo organomórfico manifesta-se por uma espécie de mutilação, recalçando uma satisfação genital. Já o sintoma obsessivo desloca o afeto ligado a uma representação inaceitável, para outra tida como neutra;

daí a persistência das idéias invasivas, já que o processo de deslocamento não pode parar de ocorrer, a fim de proteger o sujeito da representação originária.

Para Lacan, não há meios de generalizar os efeitos dos traumas, com exceção de notar certa tendência homossexual recalcada na histeria e uma agressividade em relação ao pai na obsessão. Finalizando, faz um comentário sobre as neuroses de destino, nas quais uma intenção inconsciente leva o sujeito a assumir condutas que o levam ao fracasso.

3.1- Aspecto mais interessante.

Este texto nasceu a partir da percepção de Lacan acerca do declínio da imago paterna na sociedade pós-moderna. Ao pensar na atualidade do tema família, Lacan antecede esta discussão para uma época na qual as transformações na família eram vistas como exceções à normatividade da família nuclear burguesa. Desta forma, o autor identifica o próprio advento da Psicanálise vinculado ao declínio do pai enquanto figura de autoridade e molde para a formação dos ideais; ou seja, o neurótico como sujeito de um embate entre o (Pai) real e o (Pai) ideal, buscando forjar uma resposta própria e única para seu conflito.

3.2- Aspecto mais importante.

A tese sobre o Estádio do Espelho que, apesar de não estar explanada de forma mais completa neste texto, marca o início do sistema teórico de Lacan e marca a discussão existente na época acerca das origens do psiquismo humano, visto em termos de adaptação (Psicologia do eu) ou de identificações. Lacan mostra-se muito mais próximo ao pensamento de Melanie Klein, pensando a formação do eu em termos de identificações, que mais tarde irão se transformar em fantasias.

A idéia de Estádio do Espelho partiu de um experimento do psicólogo Henri Wallon chamado “prova do espelho”, na qual a criança colocada diante um espelho passa, progressivamente, a distinguir a imagem refletida de seu próprio corpo. Lacan usa o termo estágio, misturando a perspectiva de Klein sobre as “posições” e a visão evolucionária de Freud. Afasta-se da idéia de uma dialética natural como compreendida por Wallon, transformando o estágio

numa operação psíquica, na qual o sujeito se torna humano através da identificação com seu semelhante.

4. Metodologia eleita pelo autor.

No momento da produção deste texto, Lacan já havia se iniciado em seus estudos filosóficos, por meio dos seminários do filósofo Alexandre Kojève, utilizando, inclusive, a Filosofia como instrumental para ler a obra freudiana, característica que viria a torná-lo famoso anos mais tarde.

Desta forma, o texto mostra-se desconstruído e vago, sendo a “ilegibilidade de estilo” do autor fonte de preocupação de seus editores na época. Roudinesco (1994) atribui à Filosofia essa transformação da escrita de Lacan, até então clara e objetiva. Para os conhecedores da obra do autor, este texto apresenta-se “fácil” diante das obras que vieram depois, como “Liturratère”, “O aturdito”, entre outras.

Lacan utiliza termos oriundos das várias fontes teóricas e filosóficas que estava estudando; usa o termo complexo segundo Freud; apropria-se do conceito junguiano de imago; dialoga com Klein acerca da formação do imaginário e, desta forma, procede por todo o texto.

Este método, ou estilo, se tornaria marca de Lacan, variando em graus de “ilegibilidade” por toda sua obra. Se há um método a ser identificado na escrita do autor, poder-se-ia dizer que Lacan, como ele mesmo disse, escrevia com seu inconsciente; ou seja, apresentava uma linguagem em código, exigindo de seus leitores paciência e empenho para decifrá-lo, assim como o desejo de saber a mensagem original.

5. Contribuições da obra ao seu campo de saber.

Este trabalho é indicado para iniciantes nos estudos psicanalíticos, especialmente para os interessados pelo ensino de Lacan, já que esta obra mostra um Lacan mais compreensível, se comparado com seus escritos posteriores, além de evidenciar idéias embrionárias de conceitos importantes em sua obra. Por exemplo: quando Lacan divide em três fases o desenvolvimento (complexo do desmame, complexo do intruso e complexo de Édipo), esta trabalhando idéias que mais tarde serão base para os conceitos de Real, Imaginário e Simbólico, respectivamente.

6. Considerações pessoais.

Este trabalho mostrou-se interessante para mim a fim de conhecer um Lacan embrionário em suas idéias, menos radical em sua escrita, enfim, no início de sua carreira como psicanalista. Da mesma forma que se encontra em Freud, já nos trabalhos iniciais de Lacan, se pode identificar determinada postura, interesses específicos e um estilo em formação.

A meu ver, Lacan sempre chamou a atenção por seu constante diálogo com a Filosofia e com as Ciências Sociais, afastando a Psicanálise do modelo médico, como queria Freud e como, infelizmente, passou a ocorrer após a morte de Freud. Lacan restabeleceu o estatuto revolucionário da Psicanálise, como uma prática voltada para a escuta de verdades não ditas, encobertas no discurso mascarado da consciência, buscando desconstruir papéis sociais e resgatar a particularidade de cada sujeito.

Este trabalho não só demonstra essas características, como sugere a idéia, posteriormente aprofundada, de que o indivíduo é constituído por sua realidade psíquica, em detrimento da realidade externa; que nosso próprio eu é forjado como uma ilusão e que as fantasias desempenham um papel muito maior do que de meros devaneios.